

Este número da revista *Signótica* dá continuidade ao projeto de divulgar as pesquisas de professores e discentes dos Programas de Pós-Graduação nacionais e estrangeiros e conta, na *Seção Temática*, com artigos que contemplam as *Literaturas africanas de língua portuguesa*, os quais refletem as diversas linhas de estudo sobre as literaturas de Cabo Verde, Angola, Moçambique, Timor-Leste e Guiné-Bissau. Na seção *Artigos*, são apresentados trabalhos com temas e interesses variados.

O artigo que abre a *Seção Temática*, “Baltasar Lopes, Osvaldo Alcântara e Pasárgada”, de autoria do professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Alberto Carvalho, um dos primeiros estudiosos das literaturas africanas de língua portuguesa, aborda um importante momento da literatura de Cabo Verde, o da retomada da publicação da revista *Claridade*, analisando o papel impulsionador do escritor cabo-verdiano Baltasar Lopes na reativação dessa histórica revista em outubro de 1947. O professor Carvalho, detentor de documentos e informações preciosas desse tempo, elabora seu trabalho de modo comparativo, pautado pela consideração hermenêutica do horizonte histórico em que esse processo se dá, interpretando o modo como é possível identificar, em meio à continuidade, rupturas estéticas fundamentais para a compreensão da obra literária do paradigmático escritor Baltasar Lopes.

Em “O sentimento amoroso na poética de António Jacinto”, Fabio Mario da Silva, um estudioso da obra e de documentos raros do escritor icônico angolano António Jacinto, parte de um de seus poemas mais conhecidos, “Carta dum contratado”, para abordar um viés pouco

privilegiado em sua obra, o sentimento amoroso, que o autor vai discutir destacando as manifestações de saudade, conforto ou desconforto.

Em estudo comparativo, no artigo “As marcas da ancestralidade na escrita de autores contemporâneos das literaturas africanas de língua portuguesa”, Jurema Oliveira lê criticamente as marcas da ancestralidade nas narrativas dos escritores moçambicanos Mia Couto e Paulina Chiziane, e dos angolanos Boaventura Cardoso, Pepetela e Fragata de Moraes, buscando perceber como os escritores sinalizam a presença de elementos estruturais referentes à construção dos ancestrais no espaço ficcional.

O artigo das professoras Rosilene Silva da Costa e Cintia Carla Moreira Schwantes analisa o romance *Olhos de coruja, olhos de gato bravo*, de Luis Cardoso – senão o primeiro, certamente um dos primeiros escritores de Timor-Leste –, sob a ótica dos estudos de gênero e pós-coloniais, destacando que o romance é narrado por uma voz feminina, em que a história dessa personagem entrelaça-se com a história recente de luta pela independência, sua conquista e seus desdobramentos.

“Trilhas e rumos das letras guineenses”, da professora Erica Cristina Bispo, aborda, de modo panorâmico e didático, a produção literária de um país de língua portuguesa ainda pouco estudado aqui no Brasil, a Guiné-Bissau. O nome da professora Moema Augel, que Erica destaca, logo nos vem à mente quando se trata das letras guineenses, dado o seu trabalho competente e incansável na historicização e elaboração da crítica literária.

A Guiné-Bissau também está presente no artigo de outras estudiosas da literatura desse país, as professoras Rosilda Alves Bezerra e Zuleide Duarte. Em “Subversão e resistência em *A última tragédia*”, as articulistas analisam esse romance de Abdulai Sila, primeiro romancista guineense, sob a ótica das relações colonizador-colonizado, para identificar de que modo aportes norteadores de “padrões” e “fixações” identitárias são abalados pelas desconstruções do pretense complexo de dependência do colonizado.

O artigo de Sérgio Paulo Adolfo aborda o romance do autor angolano Pepetela, *A gloriosa família: o tempo dos flamengos*, que se atém à formação histórica do povo angolano e sua relação com o presente do seu país. Destacando do romance o historicismo não oficial, Sérgio atenta para o trabalho do escritor em colocar em seus devidos

lugares fatos e feitos de homens deserdados pela historiografia colonial, mas recriados no espaço literário, como as personagens femininas, às quais dedica especial atenção.

Sérgio fez parte do pequeno rol de pesquisadores que ousaram estudar, dentro da Academia, as então pouco conhecidas literaturas africanas. Era um tempo de pouco acesso a material de pesquisa, que nos levava a contar com a generosidade de escritores, professores e colegas que a custo viajavam e compartilhavam obras e a crítica literária que houvesse. Adolfo continuou a dar sua contribuição de modo empenhado em Londrina, Paraná, formando e encantando novos pesquisadores. Como a vida é um processo dinâmico, enquanto preparávamos esta edição da *Signótica*, Sérgio nos deixou. Que seu trabalho continue a dar novos e fartos frutos.

ARTIGOS

O texto que abre a seção *Artigos*, dos professores Álvaro Cardoso Gomes e Alzira Lobo de Arruda Campos, analisa a estrutura do discurso da oratória de Padre António Vieira no *Sermão da sexagésima* para convencer e converter o fiel, buscando os autores, concomitantemente, mostrar de que modo o religioso faz do sermão um instrumento para um retorno mítico ao princípio dos tempos.

Baseando-se no marco binário e oposicional masculino/feminino, assim como na experiência familiar da personagem, Lucas dos Santos Passos e Luciana Borges, no artigo “A voz do feminino marcado em ‘Eu e Jimmy’, de Clarice Lispector: reflexões sobre gênero e poder”, analisam as relações de gênero, observando os ditos e não ditos e os discursos que partem do conto e nele circulam.

Para sua leitura do conto de Bernardo Élis, “A Virgem Santíssima no quarto de Joana”, Leila Borges repassa teorias sobre mito e não tempo, de Mircea Eliade, e a configuração e reconfiguração nas narrativas histórica e literária observadas por Paul Ricoeur, dentre várias outras, para verificar como Élis relaciona o sagrado, a história, a memória e reconstrói as sensibilidades e a subjetividade de uma realidade social.

Com abordagens em consonância com a *Seção Temática*, posto que representam as recentes linhas de pesquisa sobre as culturas africanas

que formaram o povo brasileiro, os artigos de Maria Carolina de Godoy e Eduardo Souza Ponce, e de Edmar Guirra dos Santos e Pedro Paulo Garcia F. Catharina contribuem com as discussões sobre a cultura afro no Brasil e o racismo como temáticas literárias. O primeiro, “A cultura afro-brasileira na construção de personagens de *Mar morto e Ponciá Vicêncio*”, aborda a cultura afrodescendente pela representação literária dos orixás quanto aos valores religiosos e aos perfis de personagens, com base em narrativas de um dos escritores brasileiros mais lidos pelos africanos, Jorge Amado, e de uma das vozes mais representativas da cultura afrodescendente da contemporaneidade, Conceição Evaristo. No segundo, “Ciência e racismo nos retratos literários de Jules Verne”, os autores traçam a trajetória da fisiognomia na História para mostrar como e com quais objetivos a ciência é usada para a elaboração de retratos literários de brancos e “selvagens” em romances do final do século XIX, de Jules Verne, perpetuando ideais etnocêntricos.

O diálogo de Literatura e História, uma das principais linhas de abordagem dos textos literários na atualidade, é o viés do artigo de Rodrigo Correa Martins Machado e Gerson Luiz Roani, em que refletem sobre os últimos anos do salazarismo no décimo livro de poesias da escritora portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen, *O nome das coisas*.

Desejamos uma ótima leitura a todos.

Marilúcia Mendes Ramos